

VIII. A *terra sigillata* sudgálica
de Chãos Salgados em estratigrafia

1. Nota introdutória

O estudo da construção n.º 1 foi dividido em duas fases, no nosso trabalho. Numa primeira etapa, optámos por estudar os elementos datantes do ambiente exterior norte, por este se ter afigurado, durante as observações efectuadas nas campanhas de escavação, como o único ambiente em que possivelmente haveria alguma coerência estratigráfica capaz de sustentar um estudo cerâmico crono-estratigráfico. Estudámos os fragmentos com forma atribuível de cerâmica datante (*terra sigillata* hispânica, africana, ânforas e lucernas) e todos os fragmentos de *terra sigillata* de origem sudgálica.

Numa segunda fase, quisemos comprovar se os resultados deste estudo poderiam ter correlação com a estratigrafia e os espólios de *terra sigillata* dos restantes ambientes internos e externos à casa. Elaborámos, então, tabelas de frequência da *terra sigillata*, contabilizando os fragmentos com forma atribuível de *terra sigillata* hispânica e africana e todos os fragmentos de origem sudgálica.

Pudemos, enfim, estabelecer alguma relação entre o faseamento proposto para o ambiente exterior norte e a estratigrafia do ambiente 2 e sobretudo do ambiente 4, o pátio, no qual detectámos e datámos uma remodelação.

Para além disso, constatámos a importância dos dados do ambiente 1 para a datação dos momentos iniciais da habitação, momentos estes para os quais os ambientes 2 e o exterior norte também possuem dados relevantes.

Para esta habitação possuíamos já uma ideia algo clara dos seus momentos finais (Quaresma, 1999a). O objectivo primordial era, por isso, o de esclarecer o papel da *terra sigillata* sudgálica nos momentos iniciais desta habitação.

Embora sem estudar o restante espólio de *sigillata* da encosta do museu, das Construções 2 e 3 e área circundante à construção n.º 3, constatámos igualmente a importância dos materiais sudgálicos para as datações iniciais destes espaços, pois apenas um único fragmento de *terra sigillata* itálica foi encontrado e pertence à UE 335=286=287=426, do ambiente 2 da construção n.º 1.

Apresentamos, em anexo, a árvore estratigráfica completa desta construção n.º 1 e descrevemos exaustivamente as unidades estratigráficas, com excepção das pertencentes ao ambiente exterior este, onde não surgiu *terra sigillata*; em relação à restante encosta do museu, bem como às construções n.ºs 2 e 3 e área circundante à Construção n.º 3, apresentamos apenas uma descrição relativa às UEs que continham *terra sigillata* sudgálica (ver Anexo 5, Figs. 1 e 2; Anexo 4, Fig. 1; Anexo 2). No estudo das ânforas, *terra sigillata* hispânica, africana e lucerna do ambiente exterior norte da construção n.º 1, elaborámos um catálogo com descrição textual, não aplicando uma ficha como fizemos para a *terra sigillata* sudgálica (ver Anexo 3).

2. Construção n.º 1

2.1. Descrição geral (ver Anexo 5, Fig. 2)

Esta construção situa-se a meia encosta, a cerca de 20m da construção n.º 2, a qual se posiciona a Norte da primeira. Esta encosta corre numa direcção norte-sul estando, por um lado, exposta aos ventos do quadrante norte, mas, por outro, abrigada dos ventos de Oeste.

Encontra-se protegida das águas que correm, no Inverno, desde o topo da encosta, a Oeste, por uma vala escavada na rocha-mãe, impermeabilizada, no lado do muro da casa, por *opus signinum* (ambiente 2), sendo que esta vala contorna a casa conjugando-se com o ambiente exterior norte, formando um cotovelo. Embora este lado norte (ambiente exterior norte) tenha uma

primeira função de drenagem de águas pluviais, a parede externa da casa não tem revestimento de *opus signinum*.

A Sul (ambiente 1), encontra-se, uma outra vala aberta na rocha-mãe, em forma de cotovelo, com a mesma orientação da casa, sendo que o braço norte-sul estende-se na continuação do corte na rocha-mãe que conforma o ambiente 2, parecendo então, que esta cavidade preenchida pela UE 449 terá sido uma vala de fundação de muro, relacionada com a construção 1, mas que nunca terá funcionado como tal, por um possível abandono da ideia, tendo, sim, servido como zona de despejos em época inicial da cronologia desta casa, a ver pelo espólio de *terra sigillata*.

Esta casa possui uma área total (perímetro externo) de 95,88 m² (10,2 por 9,4 m). Se for lícito aceitar a vala preenchida pela UE 449 como um elemento de um plano primeiro da casa não concretizado, a extensão Norte-Sul dela, teria então sido idealizada, não com 10,2 m, mas com 16,8 m, o que equivaleria a uma área total do plano da casa no valor de 157,9 m².

O método de construção utilizado foi o da alvenaria, com recurso à matéria-prima local, nomeadamente a dolomia e a marga, talhada de forma algo irregular — por vezes muito irregular —, com um tamanho médio de 10 por 20 cm de lado, por 10 cm de altura — nos casos de alvenaria regular —, embora com muitas pedras cujo tamanho varia bastante por excesso ou por defeito. As pedras desta alvenaria estão dispostas em fiadas de alguma regularidade, embora não se possa falar de uma isodomia. Não poucas vezes, constata-se a colocação de cerâmica de construção, sobretudo tijolos, mas também alguma telha, com uma função regularizadora da alvenaria. No muro norte a frequência de silhares de grande porte é bem mais nítida, podendo falar-se então de uma silharia, algo que poucas vezes acontece nos restantes muros da casa. Esta silharia, bem como a vala forrada a *opus signinum*, tornariam a casa mais protegida das infiltrações oriundas do topo da encosta. Lembre-se, também, que nos derrubes deste muro, escavados nos ambientes 3 e 4, encontrou-se frequentes nódulos de argamassa, que teria servido de ligante dos inertes. Nos restantes muros da casa apenas foi utilizada uma terra barrenta como ligante das pedras de alvenaria.

A espessura dos muros apresenta um valor médio de 55 cm, embora nos muros exteriores oeste e este possa atingir 60-62 cm, em alguns pontos.

No que respeita à sua organização interna, encontra-se dividida em 5 compartimentos:

- Ambiente 3 (?), com 2,5 por 5,4 m, o que equivale a uma área de 13,5 m²;
- Ambiente 4 (pátio), com 3,0 por 3,9 m, o que equivale a uma área de 11,7 m²;
- Ambiente 5 (*cubiculum*), com 3,0 por 2,9 m, o que equivale a uma área de 8,8 m²;
- Ambiente 6 (*tablinum*?), com 5,6 por 4,4 m, o que equivale a uma área de 24,6 m²;
- Ambiente 7 (cozinha), com 3,3 por 4,0 m, o que equivale a uma área de 12,2 m².

No interior do ambiente 6, existe um muro com 80cm de comprimento, distando cerca de 75 cm do muro que separa este ambiente e o ambiente 7, formando os dois um vão que poderia estar directamente relacionado com uma possível porta de entrada na habitação.

A planta da casa possuía como ponto central o ambiente 4 (pátio), com passagem conhecida para os ambientes 6 (*tablinum*) e 7 (cozinha). A passagem entre o pátio e o ambiente 3 não foi detectada, bem como a passagem entre os ambientes 3 e/ou 6 (*tablinum*) e o *cubiculum*. O *tablinum* e a cozinha possuíam passagem detectada na escavação. No entanto, é plausível uma passagem entre o pátio e o ambiente 3, tendo em conta a função central do primeiro. O único compartimento sem acesso directo ao pátio era o cubículo, situado no extremo se da casa.

O ambiente 4 apresenta a única remodelação detectada nesta casa. O lajeado circundante constitui o único pavimento conhecido (os lajeados que cobrem os drenos neste ambiente e parcialmente os drenos nos ambientes 6 e 7 são os únicos pavimentos detectados nesta casa.

No ambiente 7 verifica-se ainda um alisamento da rocha de base) e cobre, selando, um dreno preenchido pela UE 517=484=483=521=520=519=518. Esta UE continha materiais arqueológicos, cujos elementos datantes são compostos por um fragmento de bojo de ânfora lusitana, 1 fragmento de bordo de Drag. 27 em *terra sigillata* hispânica, um fragmento de fundo de *terra sigillata* africana A e um fragmento de bordo de uma H. 14 em *terra sigillata* africana A2, que conferem uma cronologia de finais do século II ou primeira metade do século III para o enchimento. Assim, teríamos, numa primeira fase (segunda metade do século I à primeira metade do século III), uma casa com pátio aberto, sem *impluvium*, mas servido de um dreno circundante que desaguava na parte este da casa passando pelo *tablinum*; numa segunda fase (primeira metade do século III a meados do século V), este pátio estaria coberto e transformado num átrio com um passadiço circundante feito com lajes calcárias e algumas de xisto. Casos semelhantes ocorrem no Ocidente do Império Romano, com uma cronologia semelhante, e são interpretados como uma adaptação climática a temperaturas e humidades mais agressivas, de tipo atlântico ou continental, para as quais a casa-modelo clássica, mediterrânica, não seria a ideal (Garcia Merino, 1991, p. 244). Apesar do pátio inicial estar virado a Oeste, aproveitando assim o Sol de fim de tarde, a exposição demasiada à humidade, à pluviosidade e ao vento não deveriam tornar muito agradável a vida nesta habitação, tendo em conta a extrema humidade e a intensidade dos ventos do quadrante so, especialmente durante o Inverno, nesta região. A falta de luz deve ter obrigado os seus habitantes a abrir janelas nos compartimentos, situação essa que foi impossível de detectar durante as escavações, pois a altimetria restante dos muros não era suficiente para fornecer esse tipo de informação.

A elaboração de casas com um pátio fechado pode até ocorrer em épocas mais antigas, como é o caso da “Casa de los Plintos o del Lampadario”, escavada em *Uxama Argaela*, na Meseta (García Merino, 1991, p. 244). Com uma planta em muito distinta daquela que agora estudamos, bem como com uma área bem maior (cerca de 400 m²), e situada junto ao *forum* da cidade mesetenha, esta casa também organiza os seus compartimentos em torno de um pátio, ao que parece, fechado desde início (ver Anexo 5, Figs. 3 e 4). Numa primeira fase, datada de meados do século I d.C. a começos do século II, este pátio fechado (n.º 1) não possuía ainda passadiço, mas estava ligado ao *tablinum* (n.º 8), tal como acontece na casa em estudo. Numa segunda fase, datada dos séculos II e III, é construído um passadiço (n.º 2) e um muro separa então o pátio (n.º 1) do antigo *tablinum* cuja função agora se desconhece (n.º 13). O pórtico, na parte sul do pátio, em conjunto com o muro que então divide o pátio e o antigo *tablinum* formam um outro passadiço (n.º 2). Nesta fase foram detectadas seis vigas de madeira carbonizadas, perpendiculares três a três, que comprovam a existência de um telhado. O chão é de terra batida e não foi detectado nenhum dreno, nem qualquer estrutura de *impluvium*. Embora o passadiço ainda não seja totalmente claro na primeira fase, os autores defendem a clausura do pátio desde os momentos iniciais. A formação dos passadiços, na segunda fase, tem então um outro significado: o pátio deixa de ser um ponto nuclear da casa, autonomizando-se (Garcia Merino, 1991, p. 243). Tal não acontece na casa que agora estudamos, pois o passadiço é feito no próprio pátio, que continua a axializar a casa e a estabelecer a comunicação entre os ambientes 3, 6 e 7.

A frequência de escória de ferro nesta habitação de Chãos Salgados, bem como na vala com ela relacionada (UE 351), algo que também se passa na construção n.º 2 da encosta do Museu e na *Domus* da calçada (construção n.º 3), que ora estudamos, levanta igualmente uma questão de funcionalidade destes espaços. Se para as construções n.ºs 1 e 3, a habitação é evidente, tal não acontece na construção n.º 2.

Esta zona um tanto periférica da cidade romana estaria ao que parece ligada economicamente à indústria metalúrgica do ferro, embora os espaços funcionais, propriamente ditos, não

sejam ainda conhecidos. Níveis de grande concentração de cinzas a Oeste da construção n.º 2 levantam a hipótese de haver estruturas de fundição no topo da encosta do Museu.

Outras casas são conhecidas, no Império Romano, cuja funcionalidade conjugou habitação e indústria. Na actual Valência foi escavada uma *Domus* de pátio central e cinco divisões, com uma cronologia situada entre o séculos III (ou antes) e os inícios do século IV, sendo que no extremo de um dos compartimentos existia um forno para confeccionar vidros e uma outra divisão estaria relacionada igualmente com funções artesanais (Albiach Descals e Soriano Sánchez, 1991, p. 57-60).

2.2. Ambiente exterior norte

2.2.1. Terra sigillata sudgálica

As peças sudgálicas estratigrafadas constituem um conjunto bastante pequeno, que se dispersa ao longo de toda a diacronia, mas no qual se verifica uma maior concentração na fase I, alto-imperial. A escassez de exemplares torna igualmente muito relativas as conclusões de carácter cronológico sobre cada um dos vasos.

Na fase mais antiga, Ia (segunda metade, ou apenas o terceiro quartel, do século I d.C), encontram-se as peças mais antigas, nomeadamente a Drag. 29 decorada com o motivo de *Nautilus*, cuja cronologia pode recuar à época tiberiana. Os dois exemplares de Drag. 18 e 27 possuem diâmetros de bordo passíveis de datação neroniana e flaviana, respectivamente, estando associados a dois exemplares de Drag. 15/17 e 27 de Andújar, o que torna plausível uma datação de terceiro quartel do século I d.C. para a fase Ia.

A fase Ib pode representar o último nível estratigráfico em que se encontra *terra sigillata* sudgálica com cronologia de fabrico minimamente consentâneo com a datação da camada de deposição. Datada do século II, podendo recuar ao último quartel do século I, contém um fundo de prato sudgálico com pé-de-anel cujo diâmetro mede 82 mm, podendo situar-se o seu fabrico em época flaviana.

As restantes fases, datadas entre finais do século II e o século V, contêm *terra sigillata* sudgálica, em épocas que esta já não seria importada no território actualmente português. De uma maneira mais nítida do que a fase I, evidenciam o carácter secundário deste contexto deposicional.

QUADRO DESCRITIVO

Fase	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
Ia	458=469	1 (Mir-759-1+2+3+4)	D18	b,c		2	3	db: 172 mm	
Ia	458=469	4 (Mir-758-19+22)	D27	b	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 117 mm	
Ia	458=469	2 (Mir-759-6)	D29	bj		3	3	dbj: 189 mm	troço de motivo de "Nautilus"
Ib	375	8 (Mir-717-34)	D29 ou 37	bj		3	3		motivo vegetalista?
Ib	375	7 (Mir-717-813)	p	f		2	2	dp: 82 mm	
IIa	376	22 (Mir-736-4+5)	p	f		3	3	dp: 100 mm	
IIb	331=400=392=413=343	31 (Mir-699-579 +580+581+582 +583+584+585)	D27	f,c		3	3	dp: 70 mm dc: 114 mm	

NMI: D18(1); D27(2); D29(1); D29 ou 37 (1 , embora na estatística final do trabalho os exs. de D.29 ou 37 tenham sido integrados nos NMI de D29 e D37.

2.2.2. A evolução do conjunto cerâmico ao longo da estratigrafia

Depois da análise das características intrínsecas das diversas unidades estratigráficas e dos materiais arqueológicos que embalavam, optámos por uma divisão em duas grandes fases, I e II, que se explicam, no entanto, não propriamente por evidentes diferenças de coloração ou textura das terras, mas por uma distribuição diversa de materiais arqueológicos (ver Anexo 4, Fig. 2; Anexo 3).

Assim, e fazendo uma primeira abordagem da situação, a Fase I era composta por menos cerâmica de construção e por uma concentração maior de *terra sigillata* sudgálica e hispânica; a Fase II seria caracterizada por uma maior concentração de *terra sigillata* africana e de material cerâmico de construção, sendo igualmente nesta fase que detectamos material anfórico.

No seio de cada uma destas duas grandes fases é possível ainda distinguir diferenças nas importações de *terra sigillata* e também nos contentores anfóricos.

Esquemáticamente, podemos então definir o seguinte faseamento:

- Fase Ia – UE 458=469 —: mais rica em *terra sigillata* sudgálica, sendo a hispânica ainda esporádica; apontamos uma cronologia da segunda metade do século I, talvez restringida ao terceiro quartel.
- Fase Ib – UE 375 —: mais rica em *terra sigillata* hispânica, sendo a sudgálica mais reduzida e a africana apenas emergente; apontamos uma cronologia do século II, embora seja plausível que possa recuar o seu início até à época flaviana;
- Fase IIa – UE 376 —: sendo a *terra sigillata* hispânica ainda a mais representada, a sudgálica pontual e a africana inexistente, surgem os primeiros fragmentos de ânfora, Classes 20/21 e 23. A cronologia de fabrico desta última ânfora sugere, em conjunto com a *terra sigillata*, uma datação da unidade de finais do século II;
- Fase IIb – UE 331=400=392=413=343 —: com 1 exemplar de *terra sigillata* sudgálica, ainda alguns (5) de hispânica, sobretudo de *Tritium Magallum*, e uma grande concentração de *terra sigillata* africana, em concreto de produções do Baixo-império (A1/2, A2, C2, C3 e D1-I.ª fase); constata-se um novo exemplar da ânfora Classe 23. Apontamos uma cronologia dos séculos III, IV e primeira do V.

A Fase Ia possui poucos materiais datantes. O mais antigo é um fragmento de Drag. 29, sudgálica, com um motivo decorativo, estilo “*Nautilus*”, que pode recuar o seu fabrico a épocas pré-cláudias; a datação do fragmento de Drag. 27 sudgálica é pré-flaviniana; a cronologia de fabrico dos outros dois exemplares de *terra sigillata* de Andújar, Drag. 15/17 e 27, pode iniciar-se nos anos 30 ou 40, embora a cronologia mais aceite seja a cláudia, sendo estes dois exemplares classificáveis nas variantes mais tardias; no entanto, também na mesma unidade, e mais concretamente no fundo da UE 458=469, onde surge igualmente o exemplar sudgálico decorado, surge um outro fragmento sudgálico, da forma Drag. 18, cujo fabrico se inicia em Cláudio. Definimos assim, uma cronologia da segunda metade do século I para esta fase Ia. Nesta perspectiva concorre igualmente a inexistência de *terra sigillata* itálica. O exemplar, n.º Mir.759.5 levantou, desde o início, muitas dúvidas quanto à sua classificação como *terra sigillata*, a ver pela má qualidade da pasta e pela ausência de verniz; a sua posição estratigráfica foi para nós um forte indicador de estarmos apenas perante um fragmento de cerâmica comum, com bastantes semelhanças à forma Hayes 14 de *terra sigillata* africana, mas diga-se, até com uma curvatura no bojo não tão usual neste tipo de cerâmica fina.

A Fase Ib é bastante rica em materiais datantes. Para além de dois exemplares indetermináveis de *terra sigillata* sudgálica e do primeiro fragmento de *terra sigillata* africana, em concreto, do tipo Hayes 9a, cujo fabrico pertence ao século II, os quantitativos indicam um primado das impor-

tações hispânicas, sobretudo das procedentes do Nordeste da península. Apesar de não estar presente nenhum exemplar dos chamados “serviços flavianos”, o que poderia fazer recuar a cronologia das formas presentes para momentos anteriores aos anos 70, *grosso modo*, a verdade é que os exemplares de *Tritium* (Drag.15/17, 27 e 18?) e o fragmento de Andújar (Drag. 15/17) são fabricados entre a segunda metade do século I e todo o século II, sendo ainda muito difícil precisar o fim de laboração destas oficinas. Além disso, estes exemplares hispânicos estão classificados nas variantes formais 2, 3 e 4 de Mayet, o que lhes confere uma datação mais recente dentro das balizas conhecidas. Finalmente, a ausência de Drag. 29 — pré-flaviana — e a presença de Drag. 37 — com início na época flaviana — aliada à constatação do tipo Hayes 9a em *terra sigillata* africana induzem-nos a datar a Fase Ib no século II, sendo possível que possa recuar o seu início à época flaviana.

A Fase IIa teve como elemento determinante na sua datação o material anfórico, dado que o conjunto de *sigillata* sudgálica (um exemplar) e hispânica (três exemplares) não conferia à UE 376 características distintas à da fase precedente. A ânfora lusitana, da sua primeira fase de produção, Classe 20/21, em conjunto com a Classe 23, bética, esta considerada numa segunda fase de laboração das indústrias ocidentais, conferem à unidade [376] uma datação plausível de finais do século II, data mais documentada para o início do fabrico da Classe 23, muitas vezes explicado pela “crise” de finais do século II.

A Fase IIb levanta algumas questões interessantes, pelo volume do seu material datante.

Consideramos o fragmento de *terra sigillata* sudgálica fora do seu contexto de vida e muito provavelmente até de deposição, podendo a sua posição estratigráfica dever-se a uma simples contaminação.

O fragmento de asa de lucerna local ou regional pouco ou nada nos informa sobre a cronologia desta fase.

Os cinco exemplares de origem hispânica, apesar de não estarmos perante uma quantidade estatisticamente viável, sugerem-nos as hipóteses de trabalho mais recentes, sobre as produções de *Tritium* e de Andújar, que aceitam cronologias de fabrico abrangentes do século III, em particular para as formas Drag. 15/17 e 27 (Roca Roumens e Fernández García, eds., 1999, p. 285). O contexto em análise é, contudo, demasiado exíguo para aferições deste tipo, pois este fenómeno estratigráfico pode apenas ser reflexo de sobrevivências de utilização. Aliás, nesta unidade encontra-se um fragmento de Hisp. 4, oriunda de *Tritium*, cuja datação não ultrapassa os anos de 150 ou 160 d.C.

Embora os exemplares de *terra sigillata* africana A1/2 e 2, bem como o fragmento da ânfora lusitana da Classe 23, possam recuar ao século II, o conjunto, onde se enquadra a *terra sigillata* africana C e D, levam-nos a excluir uma datação tão alta, até pela datação já proposta para as fases anteriores.

Os três fragmentos de *terra sigillata* africana D1-1.^a fase, forma Hayes 61B e os dois exemplares decorados em estilo A(ii) e A(ii)-(iii) determinam o fim da formação desta realidade estratigráfica entre os finais do século IV e meados da centúria seguinte.

2.3. Os restantes ambientes

2.3.1. A evolução do conjunto cerâmico ao longo da estratigrafia

A. Ambiente 1

Este ambiente externo apresenta dados bastante interessantes, pela sua antiguidade no seio do contexto cronológico desta *Domus* em estudo.

Os quatro diâmetros de bordo de Drag. 18 balizam-se em cronologias pré-flavianas. Um deles (n.º Mir-727-166), com um valor de 151 mm, que poderia ser já flaviano, possui canelura no fundo interno, pelo que deverá ainda pertencer a uma época intermédia, neroniana. Um

pouco mais tardio deverá ser o n.º 51 (Mir-727-111), um bojo de Drag. 37 com grinalda, cuja cronologia começa mais provavelmente nos flávios.

Para além das peças de *terra sigillata* sudgálica, todo o restante espólio é composto por *terra sigillata* hispânica, proveniente de *Tritium*, Andújar e de uma outra proveniência desconhecida, que optámos por aproximar a Andújar, no seguimento de uma proposta já feita anteriormente (Quaresma, 1999a, p. 157).

Assim, encontra-se na UE 449, que preenche a vala de fundação, ao que parece nunca utilizada como tal — sendo um contexto de deposição secundário — a combinação de Drag. 18 e 37 sudgálica, Drag. 24/25 e 15/17, tal como de Drag. 27 e 18 de centros hispânicos, sendo a forma mais tardia a Drag. 37, que apenas começa o seu fabrico na época flávia (Mayet, 1984, p. 83). Em face disto, apontamos uma cronologia de meados do século I ao primeiro quartel do século II para o processo de enchimento da vala, tendo em conta as cronologias de fabrico destas formas (Mayet, 1984, p. 71-73).

Acresce ainda o facto de não se constatar nenhum fragmento de *terra sigillata* africana, nem mesmo da sua etapa precoce, A1, cuja comercialização alcança o Ocidente peninsular no último quartel do século I (*Atlante*, I, p. 19). Os dados da camada de superfície que cobria esta vala vêm confirmar, tanto ao nível das origens como das formas, o que caracteriza a UE 449.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
449	51 (Mir-727-111)	D37	bj		2	3		grinalda bifoliada
449	49 (Mir-727-57+58)	D18	b		2	2	db: 167 mm	
449	48 (Mir-727-54)	D18	b		2	3	db: 232 mm	
449	Mir-727-117	?	bj		3	?		
449	Mir-727-38	t	f		3	4	dp: ?	
449	Mir-727-121	?	bj		2	3		
449	50 (Mir-727-183)	D18	b	canelura externa imediatamente abaixo do bordo	2	3	db: 183 mm	
449	Mir-727-123	D18	b		2	3	db: ?	
449	Mir-727-32	D27	c		3	3	dc: ?	
449	Mir-727-166	D18	c	canelura no fundo interno	2	2	dc: 151 mm	

NMI: D18(3); D27(1); D37(1).

QUADRO DESCRITIVO

Restante *terra sigillata*.

	T.S.Hispânica		T.S.Andújar			T.S.Andújar*		T.S. <i>Tritium</i>		
UE 449	D.15/17 2	D.18 1	D24/25 2	D.27 2	D.37 1	D.15/17 2	D.27 1	D.15/17 1	D.18 3	D.27 3
Superfície:	T.S.Hispânica		T.S.Andújar		T.S.Andújar*					
UE 230= 270=309 =341=377 =381=386 =387=262 =299	D.15/17? 1	D.27 3	D.15/17 2	D.15/17 1	D18 1	D27 1	D37 1			

* Corresponde ao fabrico determinado em Quaresma, 1999a, p. 157.

B. Ambiente 2

Escasso em *terra sigillata* sudgálica — contendo apenas uma Drag. 27 numa camada baixo-imperial (UE 311=245=256=300=368) —, este ambiente de deposição secundário apresenta, no entanto, a par do ambiente exterior norte alguma coerência crono-estratigráfica, a ver pelo espólio exumado. Na UE 335=286=287=426, para além de um fragmento de Drag. 15/17 hispânico, depositou-se um outro, cuja exiguidade do bordo não torna fácil a classificação formal, nem a leitura da pasta e do verniz. Contudo, parece ser um bordo de *Conspetus* 22, com cerca de 100 mm de diâmetro, com fabrico entre as últimas duas décadas antes de Cristo e os inícios de Tibério (Ettlinger et al., 1990, p. 90). Frisamos, contudo, a dificuldade de classificação desta peça, não excluindo a hipótese de se tratar de uma Ritt. 5 sudgálica, frequente em Tibério e que finda a sua produção em 40 d.C. (Polak, 2000, p. 114). Esta peça, bem como o n.º 2 (Mir-759-6), da UE 458=469 — na base do ambiente exterior norte —, são as mais antigas em cronologia de fabrico nesta *Domus*.

A UE 311=245=256=300=368, que se encontra por cima, contém espólio onde a origem africana é notória. Uma datação baixo-imperial para este estrato é plausível: de finais do século II, através da H. 14, até à cronologia final da casa, a ver pelo fragmento de Ostia III (*Atlante*, I, p. 33; Quaresma, 1999b, n.º 24) correlacionando-o com as fases IIa e IIb do ambiente exterior norte.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
256	52 (Mir-609-18)	D27	b	bordo perolado e canelura interna	3	3	db: 75 mm; hbc: 17 mm

QUADRO DESCRITIVO

Restante *terra sigillata*.

	T.S.Itálica?	T.S.H.	
UE 335=286=287=426	? I	D15/17 I	
	T.S. <i>Tritium</i>	T.S.Af.A2	T.S.Af.D2 – 1.ª fase
UE 311=245=256=300=368	D.15/17 I	H.14 I	Ostia III I*

* Quaresma, 1999b, n.º 24

C. Ambiente 3

O ambiente 3 é escasso em espólio de *terra sigillata*, mas coerente. A UE 379=447=477, mais antiga, contém dois elementos de Drag. 27 de origem hispânica, em particular de Andújar, e do fabrico associado a Andújar (ver *supra*, ambiente 1). A mesma forma, mas proveniente de *Tritium*, surge na UE 393=446, *supra*-jacente, associada a um exemplar de H. 9A, em *terra sigillata* africana A1, da primeira metade do século II à primeira metade do século III, para estas duas UEs. No entanto, esta cronologia não é coerente com a interpretação que se faz das duas unidades. Sendo elas originadas pelo derrube da casa, algo bem claro no caso da UE 393=446, o espólio a elas associado deveria ser mais tardio, em face da cronologia final proposta para a ocupação da *Domus*.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

	T.S.Andújar	T.S.Andújar*
UE 379=447=477	D.27 I	D.27 I
	T.S.Tritium	T.S.Af.A1
UE 393=446	D.27 I	H.9A=L.2a I

D Ambiente 4

Como já afirmado, é o único ambiente que fornece evidências de reconstrução nesta *Domus*, o que lhe confere uma importância maior em relação aos restantes ambientes internos estudados.

Numa primeira fase haveria um pátio aberto, sem *impluvium*, cujo dreno foi preenchido e selado por um lajeado entre finais do século II e a primeira metade do século III, ou pouco depois: a UE 517=484=483=521=520=519=518 contém uma Drag. 27 hispânica, um exemplar indeterminado de *terra sigillata africana* A e uma H. 14, em *terra sigillata africana* A2, sendo esta a peça mais tardia e que lhe confere a cronologia. Estas duas fases do pátio podem relacionar-se com as diferenças estratigráficas encontradas no ambiente exterior norte: as fases Ia e Ib, datadas de meados do século I a todo o século II, com menor frequência de cerâmica de construção; e as fases IIa e IIb, datadas dos séculos III a V, com maior frequência de cerâmica e blocos pétreos de construção.

As duas UEs que se depositam no solo deste ambiente (UEs 425=464 e 429=467) apresentam características alto-imperiais, com *terra sigillata* hispânica (forma Drag. 15/17) e africana A1, embora a interpretação das UEs não condiga com esta cronologia, pois estariam relacionadas com derrubes finais da casa em época tardia.

É já na UE 382 que, para além das *terra sigillata* alto-imperiais hispânicas (Drag. 15/17 e 24/25 ou 27), surge um fragmento de *terra sigillata africana* D1-I.^a fase, forma H. 67, com cronologia decorrente na segunda metade do século IV e a primeira do V, condizendo com a datação proposta para o fim da ocupação do edifício.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

	T.S.H.	T.S.Af.A	T.S.Af.A2
UE 517=484=483 =521=520=519=518	D.27 I	ind. I	H.14 I
	T.S.Andújar*	T.S.Af.A1	
UE 425=464	D.15/17 I	ind. I	
	T.S.H.		
UE 429=467	D.15/17 I		
	T.S.Andújar	T.S.Tritium	T.S.Af.D1-I. ^a fase
UE 382	D.15/17 I	D.24/27 ou 27 I	D.15/17 I H.67 I

E. Ambiente 5

Apenas uma UE, a 480, possui *terra sigillata*, o que torna este ambiente irrelevante para o tema em questão.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

T.S.Andújar	
UE 480	D.27 I

F. Ambiente 6

É o ambiente interno da habitação mais rico em espólio de *terra sigillata*, mas a sua evolução estratigráfica não é muito coerente, apesar de conter alguns dados de interesse.

Tal como os ambientes 1 e exterior norte, neste ambiente encontra-se um outro elemento com potencialidades de datação para os inícios da construção. Na vala de fundação do muro norte da *domus*, cujo enchimento é realizado pela UE 478=472=482, a única peça de *terra sigillata* existente é uma Drag. 18 sudgálica, com canelura no fundo interno e um diâmetro de bordo de 221 mm, o que lhe confere uma cronologia pré-flaviana, possivelmente até pré-neroniana.

Do nível superficial (UE 383=268=264=266=416) provém um outro prato Drag. 18 sudgálico, com diâmetro pré-neroniano.

Uma Drag. 27, de diâmetro de bordo flaviano, e outros bojos sudgálicos provém das UEs 414=297 e 415=298, ricas em material do século III, época desfazada do balizamento cronológico normal do comércio de *terra sigillata* sudgálica neste território.

AS UEs mais próximas do solo da habitação, 481 e 450=451=452=319, contêm peças cujas cronologias de fabrico transcorrem um período entre os meados do século I (Drag. 15/17 de Andújar) e o segundo quartel do século IV — Sal. D2a em africana D1-1.^a fase — (*Atlante*, I, p. 81).

Nas UEs 414=297 e 415=298 surgem peças africanas que formam um conjunto coerente do século III, podendo alcançar os inícios da centúria seguinte. Assim, para além de uma Drag. 27 de Andújar, regista-se *terra sigillata* africana A2 (H. 27 = L. 9a2) e *terra sigillata* africana C2 — H. 50A = L. 4obis — (*Atlante*, I, p. 31 e 65). A presença desta última forma, *in situ*, na UE 415=298, camada rica em cinzas, reflecte uma situação ocorrida na casa, a qual a escavação não esclareceu, mas que possui uma cronologia relativamente segura, apesar da pequenez do estrato.

A UE 383=268=264=266=416, no topo do diagrama deste compartimento, contêm novamente materiais de âmbito cronológicos díspares: Drag. 27 de Andújar e H. 50A = L.4obis em africana C2.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
478= 472=482	55 (Mir-773-12)	D18	b	canelura no fundo interno	3	3	db: 221 mm
414=297	54 (Mir-733-23)	D27	b,bj	bordo de secção sub-triangular	2	3	db: 130 mm; hbc: 19 mm; dp: 50 mm
414=297	Mir-733-25	?	bj		3	?	
415=298	Mir-732-85	?	bj		3	?	
415=298	Mir-732-86	?	bj		3	?	
383=268= =264= 266=416	53 (Mir-721-6)	D18	b		2	2	db: 280 mm

NMI: D18(2); D27(2)

QUADRO DESCRITIVO

Restante *terra sigillata*.

T.S.Andújar			
UE 481	D.15/17 I		
T.S.Af.A1		T.S.Af.C2	T.S.Af.D1 – 1.ª fase
UE 450=451=452=319	H.9B=L.2b I	H.50A=L.4obis I	Sal.D2 I
T.S.Andújar		T.S.Af.A2	T.S.Af.C2
UE 414=297	D.27 I	H.27=L.9a2 I	ind. I
T.S.Af.A2		T.S.Af.C2	
UE 298=415	H.27=L.9a2 I	H.50A=L.4obis I(in situ)	
T.S.Andújar		T.S.Af.C2	
UE 383=268=264=266=416	D.27 I	H.50A=L.4obis I	

G. Ambiente 7

Este ambiente é marcado pela presença de material africano do Baixo-Império, nomeadamente H. 27 = L. 9a em africana A1/2, na UE 355=456=473, e H. 14 em africana A2 e H. 58A (Quaresma, 1999b, n.º 2) em africana D1-1.ª fase, na UE 486=487, que se estende ao ambiente 6. Contudo a relação estratigráfica destas duas unidades é inversa à cronologia das peças.

Na UE mais alta surge a única peça de cronologia alto-imperial, uma Drag. 27 de Andújar.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

T.S.Andújar		
UE 481	D.15/17 I	
T.S.Af.A2		T.S.Af.D1 – 1.ª fase
UE 486=487	H.14 I	H.58A I*
T.S.Af.A1/2		T.S.Af.A2
UE 355=456=473	H.27=L.9a I	H.27=L.9a I
T.S.Andújar		
UE 317	D.27 I	

*Quaresma, 1999b, n.º 2

H. Camada superficial (de toda a casa, excepto ambiente 1)

A este nível encontra-se material alto-imperial de Andújar (Drag. 15/17 e 24/25 ou 27) e de origem relacionada com Andújar (Drag. 15/17 e 18?), bem como peças africanas tardias, em africana A2 (H. 27 = L. 9a2) e africana D1-1.ª fase (H. 59B — Quaresma, 1999a, n.º 5), estas últimas próximas dos momentos finais da habitação deste espaço.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata.

UE	T.S.Andújar		T.S.Andújar*		T.S.Af.A2	T.S.Af.D1 – 1.ª fase
230=270=309=341=377 =381=386=387=262	D.15/17 2	D.24/25 ou 27 1	D.15/17 1	D.18? 1	H.27=L.9a2 1	H.59B 1*

*Quaresma, 1999b, n.º 5 (ambiente exterior norte)

3. O espaço entre as construções n.ºs 1 e 2 (encosta do museu)

3.1. *Terra sigillata sudgálica*

Do espólio pertencente à encosta do museu destacam-se as duas peças depositadas na UE 351, já que as restantes unidades referem-se a camadas superficiais ou de materiais rolados. A UE 351 realiza o enchimento de uma vala na rocha-mãe, com bastante escória de ferro, perto da construção n.º 1. As duas peças exumadas, um bordo de Drag. 37 (Mir-753-5) e 3 bojos de Drag. 29 ou 37 (n.º 56: Mir-753-4+6+7) poderão pertencer à mesma peça — que seria uma Drag. 37 —, embora ligeiras diferenças na coloração das pastas não tornem essa hipótese totalmente segura, pelo que preferimos separá-las. A cronologia para ambas as peças situa-se, contudo, no último quartel do século I, o que pode indicar uma primeira pista para o início da actividade industrial nesta área.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
235	Mir-608-17	?	bj	3	3		
351	Mir-753-5	D37	b	3	3	db: 174 mm	Troço de fiada de óvulos quase totalmente desgastado.
351	56 (Mir-753-4+6+7)	D29 ou 37	bj	3	3		Métopas com pares de aves. Campos definidos por cordões finalizados por rosetas.
457	58 (Mir-800-291)	D17b?	b	2	3	db: 180 mm	
490	Mir-860-41	t	f	2	3	hp: 11 mm; dp: 46 mm	
497	57 (Mir-1086-9)	D27	b	3	?	db: 109 mm	
superfície	59 (Mir-0-661)	?	bj	2	3		Troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor. Abaixo, um cordão ondulado define superiormente friso ou métopa.

4. Construção n.º 2

4.1. *Descrição geral*

De planta ainda não integralmente conhecida, com área de pelo menos 140 m², esta construção teria uma funcionalidade difícil de hoje ser determinada. É provável que tivesse habitação, mas outras funções apresentam-se credíveis: a frequência de escória e a existência de níveis

de cinzas a Oeste da construção, mais junto ao topo da encosta, indiciam ligação a actividades artesanais metalúrgicas. A sua planta muito pouco comum, bem como o espaço de rituais na sua vertente oeste deixam igualmente supor funções simbólicas (Barata, 1999).

4.2. Terra sigillata sudgálica

A escassez de *terra sigillata* sudgálica na construção n.º 2 é em parte condizente com a menor quantidade de materiais cerâmicos que este sector forneceu, devido à maior erosão sofrida por esta zona, através dos trabalhos agrícolas. Os pouco exemplares sudgálicos não permitem, por isso, uma análise muito conclusiva. O diâmetro largo da Drag. 18, n.º 62 (Mir-626-42), indica cronologia pré-neroniana, mas provém de camada que se deposita sobre um derrube de telhado; o n.º 61 (Mir-692-1) possui um diâmetro contemporâneo e provém da UE 314.

O n.º Mir-708-1, fundo com moldura interna, datará de época pré-flaviana. Provém de uma vala de fundação, mas a falta de outros elementos datantes dificulta a datação do início da construção n.º 2.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
259	Mir-626-45	?	bj		3	3	
259	62 (Mir-626-42)	D18	b		3	2	db: 231 mm
314	61 (Mir-692-1)	D18	b	Perfil pesado	3	3	db: 242 mm
328	Mir-708-2	?	bj		3	3	
328	Mir-708-1	p	f	fina moldura interna	3	3	

5. Construção n.º 3 (*Domus*)

5.1. Descrição geral

(P= + 0 — 26 N; M= + 114 — 132 W)

Esta construção é uma *Domus* clássica de pátio central, com compluvium e impluvium. As divisões restantes não estão integralmente conhecidas por duas razões: a escavação encontra-se ainda em decurso (neste momento interrompida) e a erosão provocada pelos trabalhos agrícolas suprimiu parte da vertente este desta casa. No entanto, na área já determinada podemos registar um valor de, pelo menos, 460 m². Possui uma escadaria, na face oeste, que daria acesso a um primeiro andar. A frequência de escória de ferro deixa igualmente em aberto a hipótese de complementaridade de funções habitacionais e artesanais metalúrgicas.

5.2. Terra sigillata sudgálica

A frequência de *terra sigillata* sudgálica é bastante fraca nesta *domus*, ao contrário da con-génere de origem hispânica. A única forma determinável é uma Drag. 27, com diâmetro tendencialmente pré-flaviano, n.º 63 (Mir-593-5), mas pertencente a uma unidade superficial.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
104	Mir-502-12	?	F	duas caneluras no fundo interno	3	3	
154	Mir-516-2	?	bj		2	3	
156	63 (Mir-593-5)	D27	B	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 76 mm; hc: 13 mm

6. Área circundante à construção n.º 3

6.1. Descrição geral

Outros muros de época romana em conexão já determinada ou não, deixam antever que em futuras escavações se determine um complexo habitacional nesta área que não integrará apenas a *Domus* (construção n.º 3). A capela de São Brás, por exemplo, está parcialmente fundamentada em muros romanos.

6.2. Terra sigillata sudgálica

Sobre o conjunto de materiais recolhidos na escavação das unidades circundantes à *domus*, construção n.º 3, a cronologia estende-se desde época pré-flaviana, até aos flávios, possivelmente Domiciano.

As peças mais antigas deverão ser a Drag. 17b e a Drag. 18, n.º 66 (Mir-404-3), com 240 mm de diâmetro, possivelmente ainda da primeira metade do século I. A Drag. 18 n.º 67 (Mir-384-2), com 182 mm de diâmetro, poderá ser já de época neroniana.

As duas peças com cenas de caça e métopas situam-se em época flaviana, podendo alcançar os finais da centúria.

QUADRO DESCRITIVO

Terra sigillata sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração	Marca/Grafito
51	67 (Mir-384-2)	D18	b		3	3	db: 182 mm		
53	64 (Mir-383-7)	t	f	Canelura no fundo interno	3	4	hp: 12 mm; dp: 56 mm		
60	65 (Mir-388-4)	D15/17	b		3	3	db: 157 mm; hbc: 26 mm		
67	66 (Mir-404-3)	D18	b		2	3	db: 240 mm		
112	201 (Mir-531-187)	t	f		3	3	dp: 42 mm; hp: 9 mm		"Nebulosa"/ "XI" no fundo interno
112	70 (Mir-531-191)	D29 ou 37	bj		3	3		Motivo vegetal com folhagem recortada e ramos terminando em botão.	

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]*Terra sigillata* sudgálica.

UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Decoração	Marca/Grafito
126	71 (Mir-522-3+4)	D29 ou 37	bj		2	2		Cena de caça(?): os dois fragmentos possuem troço de friso ou métopa marginalizada por cordão ondulante, contendo elementos vegetais (tufos) e dois animais em corrida podendo ser um deles (Mir-522-3) um javali, com crista no dorso e focinho alongado	
126	Mir-522-5	D24/25	c	roleta grosseira	3	4	dc.124 mm		
126	68 (Mir-522-6)	D30	bj		2	3		Troço de fiada de óvulos	
168	69 (Mir-518-1)	D29 ou 37	bj		3	3		Animal correndo em salto sobre "flabellum". Métopa definida por cordão de óculos rematado por roseta imperfeita.	
178	Mir-566-16	D17b	b		2	3	db: ?		